

“Minha língua está enrolando, Doutor!”

“Stereo Franz“, adaptação brasileira de Woyzeck se apresenta no TiL

Giessener Allgemeine, 29 de junho de 2013

Mesmo a entrada era incomum e emergiu como o verdadeiro início da apresentação. Através da entrada lateral, o público entra no teatro, passando por uma montanha de sacos de lixo, e lá dentro os aguarda uma situação também não convencional, uma espécie de bar com mesas bistrô montadas sobre o palco, onde eles devem sentar, em vez de as usuais arquibancadas. Para a plateia foi imediata a reação: esta é uma adaptação especial de Büchner.

“Stereo Franz“, uma peça em dez fragmentos, esta é a versão brasileira de Woyzeck, a transformação da peça num eterno aqui-e-agora, e, como anunciado, a investigação da tragédia como possibilidade de experimentação deste grupo de teatro brasileiro contemporâneo. Este é o quarto trabalho deste jovem grupo de teatro [pH2]: estado de teatro, de São Paulo, é improvável haver um lugar melhor para a sua estreia mundial, que o festival de Giessen.

A peça é tragicamente furiosa, num ritmo acelerado desde seu início, com este Woyzeck falando incoerentemente com a boca encharcada de creme de barbear, e mais, tarde, desta mesma boca, veremos correr o seu sangue. Os brasileiros nos mostram a visão mais anárquica da peça, o herói pode passar tempo procurando um pau, bem comportado, mas volta a aparecer como um agressor incontrolável, em direção a uma vítima indefesa.

Na opinião da diretora Paola Lopes, a real tragédia da peça está na língua. Diversas vezes a língua aparece como metáfora da mudez: “Minha língua está enrolando, doutor!”. Esta é a fala de uma geração pós-ideologia, que sabe ter algo a dizer, mas ainda está à procura de sua voz e não chega a ter certeza dos meios para sua revolução. O componente político é invocado em várias relações com nosso contexto atual. Não mais os maçons, mas temores terroristas bioquímicos do paranoico Franz, que sofre de pesadelos diários sobre os atentados de Oslo, o World Trade Center e a Guerra do Iraque.

A experimentação está presente em toda a peça, um desejo de uma nova linguagem teatral, que vai além do texto, como na relação de jogo entre o espaço interior e o exterior. A rua que fica atrás do teatro é incluída na cena, como uma local que pode ser rastreado pelas portas abertas e também por dois monitores de TV. Há muitas sensações a serem processadas. “Stereo Franz” trabalha em algum lugar entre o teatro falado e o cinema e, em vários níveis uma banda ao vivo contribui para a realização de uma espécie de mini-musical, além das legendas projetando a tradução do texto falado em português.

Em casa, no Brasil, a apresentação do grupo trazida à Alemanha já causa atenção, e neste país, deve ajudar a uma nova e extremamente interessante faceta para o jogo das interpretações. Ou seja, a incorporação da obra de Büchner pelo mainstream, neste tão amplamente aclamado ano comemorativo, é uma contradição que não pode ser resolvida.